

Revestido da Couraça da Justiça...

- Carta do Prior Geral da Ordem do Carmo a toda a Família Carmelita -

**Fernando Millán Romeral, O. Carm.
Prior Geral dos Carmelitas da Antiga Observância**

0. Introdução

No próximo dia 26 de Abril de 2009, será canonizado, na Basílica de São Pedro, em Roma, o Beato Nuno de Santa Maria Álvares Pereira. Toda a Família Carmelita, no mundo inteiro, celebra com alegria esta canonização, que mostra o reconhecimento oficial, da parte da Igreja, da santidade de vida do "Santo Condestável", que consideramos bem-aventurado e intercessor. A figura de São Nuno Álvares Pereira tem uma série de matizes muito interessantes que sempre despertaram admiração, devoção e carinho, não só em Portugal - onde é, evidentemente, muito popular -, mas em todo o orbe carmelita. Como Prior Geral da Ordem, uno-me, feliz, a este coro de louvor e faço votos para que esta canonização seja um momento de revitalização da nossa Ordem, um momento de acção de graças pelos modelos de santidade que o Senhor nos ofereceu ao longo da história do Carmelo e também um momento de reflexão, de criatividade, um momento no qual possamos ver o melhor da nossa tradição espiritual, para assim encontrar chaves e pistas para uma fidelidade criativa, para uma vivência renovada, significativa e alegre do nosso carisma ao serviço da Igreja e da humanidade.

1. Uma figura do século XV para o século XXI?

No passado dia 21 de Fevereiro, Sua Santidade o Papa Bento XVI anunciou, diante do Consistório dos Cardeais, na Sala Clementina, que no dia 26 de Abril deste ano teria lugar a canonização do Beato Nuno, conjuntamente com outros beatos. Em muitas conversas, viagens e encontros posteriores, fui interpelado acerca da possível actualidade de uma personagem que viveu nos séculos XIV e XV para um mundo tão complexo, tão diverso e tão diferente daquele em que Nuno viveu.

Neste sentido, convém ter em conta, em primeiro lugar, que a figura do Beato Nuno sempre gozou na nossa Ordem de grande popularidade. Nunca faltou a "fama sanctitatis", até ao ponto de, em alguns momentos (quando a normativa canónica acerca das beatificações e canonizações não era, talvez, tão precisa, nem a informação dos fiéis, em algumas zonas, era tão ampla como agora), ser considerado santo e o seu culto fazia-se com certa normalidade e grande devoção. Não em vão o nosso Beato Nuno é conhecido em ambientes portugueses como "O Santo Condestável". De facto, seja-me permitido dizer que não nos será fácil abandonar a expressão «Beato Nuno», tão divulgada e conhecida na Ordem e na Família Carmelita.

Em segundo lugar, convém recordar que a mensagem profunda dos santos é uma mensagem que poderíamos qualificar de "transversal", isto é, vai para além de lugares e tempos concretos. A figura do santo, os seus valores e virtudes, o essencial da sua

mensagem é válida e aplicável a outros lugares e tempos da vida da Igreja, ainda que, logicamente, fazendo um trabalho de interpretação, para não cair nem numa imitação mímica, superficial e infantil do seu exemplo (o que seria ridículo e contraproducente), nem num esquecimento irresponsável que (sob a aparência de um falso intelectualismo que despreza o testemunho dos simples e o *sensus fidelium*, tantas vezes invocado pela teologia moderna) ignore o valiosíssimo exemplo que os santos nos oferecem para a nossa própria vida espiritual e eclesial. Estou convencido de que, neste sentido, a figura de São Nuno Álvares Pereira encerra uma série de valores e de matizes que podem ser valiosíssimos para nós, hoje, na nossa vivência do carisma carmelita e na nossa vida cristã em geral.

Por conseguinte, a sua canonização supõe, para nós, um motivo de alegria, de gratidão e, por assim dizer, de um orgulho de família. O Carmelo, como muitos outros carismas que surgiram ao longo da história da Igreja, não nasce nem vive para si mesmo (como se de uma seita se tratasse), mas nasce suscitado pelo Espírito Santo, ao serviço da Igreja Universal, ao serviço do anúncio do Evangelho, ao serviço da construção do Reino de Deus. A santidade de alguns dos seus membros, reconhecida oficialmente pela Igreja, significa, portanto, que o Carmelo viveu plenamente em alguns dos seus membros um ideal de santidade e de serviço; significa que cumpriu uma missão (mesmo que com limitações e debilidades humanas), e que enriqueceu a Igreja de Deus no seu peregrinar terreno.

Por isso, como em qualquer beatificação ou canonização, juntam-se em nós os sentimentos de alegria e gratidão, por um lado, e de responsabilidade e compromisso, por outro. Agradecemos este reconhecimento, mas estamos conscientes de que o mesmo supõe também um incentivo, um purgante para a Família Carmelita, um chamamento à santidade de vida e à fidelidade à vocação cristã em geral e carmelita em particular.

Por último, queria fazer uma chamada de atenção aos nossos religiosos, religiosas e leigos que trabalham em diversos âmbitos pastorais (paróquias, colégios, capelarias, ...) para que se esforcem por apresentar a figura de São Nuno de Santa Maria com originalidade, com criatividade, com profundidade, não se ficando pelo acessório e superficial, mas descobrindo e fazendo descobrir o essencial da sua mensagem. De nós depende, em grande medida, que esta canonização seja frutífera e fecunda para as nossas comunidades, os nossos campos de pastoral e as nossas vidas, ou que seja apenas um acto pontual e passageiro, sem verdadeiro efeito na Ordem e na Família Carmelita em geral.

II. Um longo processo

Como dizíamos no ponto anterior, o processo de canonização do Beato Nuno, que culminará no próximo dia 26 de Abril na Basílica de São Pedro, supôs um longuíssimo *iter* (*itinerário*) de vários séculos, no qual coincidiram muitos factores diversos, circunstâncias e vicissitudes históricas.

Desde muito cedo se difundiu (e não só em Portugal) o culto ao “Santo Condestável”: faziam-se peregrinações ao seu túmulo, surgiam manifestações religiosas e profanas em sua honra e celebrava-se a sua festa, com culto público e eclesiástico, no início de Novembro. Em 1437, seis anos depois da sua morte, o rei de Portugal, D. Duarte, e seu irmão, D. Pedro, obtiveram do Papa Eugénio a licença necessária para iniciar o proces-

so de canonização. D. Pedro, irmão do rei, compôs uma oração em honra do “Santo Condestável”. Num Breviário Carmelita, escrito entre os anos 1456 e 1478, incluiu-se a sua festa na oração litúrgica.

Lamentavelmente, por causas desconhecidas, o processo começado não se concluiu. Apesar disso, a difusão do seu culto não se deteve, até ao ponto de o arcebispo de Lisboa ter participado, em 1522 e 1548, nas duas trasladações dos seus restos mortais, aprovando assim, na prática, de facto, o seu culto. Entretanto ergueram-se alguns altares em honra do Beato, em Lisboa, nos arredores de Aviz, de Cernache do Bonjardim (lugar do seu nascimento) e noutros lugares do país. A isto tudo acrescentavam-se manifestações festivas muito difundidas e peregrinações anuais, vindas de várias partes de Portugal.

Depois das mencionadas disposições de Urbano VIII acerca do culto “ab immemorabili”, tributado a santos e beatos, já em 1641 João IV de Bragança pediu à Santa Sé, em nome de todo o episcopado português, o reconhecimento do seu culto. Petição renovada também pela Ordem do Carmo, em 1656 e 1674. Vicissitudes políticas e outras causas, entre elas o terramoto de 1755, impediram a obtenção de tal reconhecimento, ainda que tenha permanecido sempre viva a recordação e a fama de santidade daquele a quem vulgarmente chamavam o “Santo Condestável”.

Finalmente, em 1895, iniciou-se o processo de reconhecimento do culto imemorial. A sentença do juiz delegado, assinada a 7 de Março de 1914, foi confirmada pela Sagrada Congregação dos Ritos, no dia 15 de Janeiro de 1918, e aprovada por Bento XV, no dia 23 de Janeiro de 1918.

Em 1940, com autorização de Pio XII, iniciava-se a causa de canonização do Beato Nuno. Todavia, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial impediram, novamente, a realização da obra esperada. Depois de outras tentativas, que não chegaram a bom porto, a descoberta do túmulo primitivo do Beato Nuno no Carmo de Lisboa reanimou, finalmente, ainda mais o desejo de o ver proclamado “Santo” da Igreja. Chegou-se, assim, à confecção do procedimento devido (sumário) ou processo informativo, aberto no dia 3 de Julho de 2003 e encerrado a 3 de Março de 2004, seguido, nos meses de Maio e Junho de 2004, de um suplemento do procedimento.

Com estas actas processuais e o material documental recolhido expressamente por uma *comissão histórica* preparou-se, depois, sob a direcção do padre Felipe Amenós, Postulador da Ordem, a *Positio*. Completada a valoração histórica e o exame específico teológico da *Positio*, de acordo com as normas de procedimento seguidas pela Congregação para a Causa dos Santos, no dia 6 de Maio de 2008, reunia-se o Congresso Ordinário dos Cardeais e Bispos da mesma Congregação, que pronunciava o seu parecer favorável à declaração solene das virtudes do Beato. Ao mesmo tempo, instruíam-se também o processo do suposto milagre atribuído à intercessão do Beato, que concluiu positivamente, com juízo unânime, no dia 17 de Junho de 2008. No passado dia 21 de Fevereiro, no Consistório dos Cardeais que teve lugar na sala Clementina, no Vaticano, Sua Santidade Bento XVI anunciou solenemente a tão desejada data da canonização e, assim, *Deo volente (se Deus quiser)*, poderemos participar com alegria na solene cerimónia de canonização no cenário incomparável da Basílica de São Pedro, em Roma.

No tocante à celebração litúrgica, no calendário próprio da Ordem, esta foi estabelecida no dia 6 de Novembro, para Portugal e para toda a Ordem, com rito duplo menor.

Esta recolhia como textos próprios, no Breviário, as antífonas do *Magnificat* das I e II Vésperas, e do *Benedictus* das Laudes, assim como a oração própria e as leituras do segundo nocturno. Os textos da Missa e as antífonas e orações próprias apresentavam leituras extraídas do comum dos confessores. Com a reforma, depois do Vaticano II, a celebração do *Beato Nuno* fixou-se, no próprio da Ordem do Carmo, no dia 1 de Abril, com o grau de memória obrigatória, enquanto para os carmelitas de Portugal se fixava o dia 6 de Novembro. A celebração do Beato foi introduzida também no próprio dos carmelitas descalços como memória facultativa, sendo também obrigatória para os de Portugal.

III. Apontamentos biográficos

Para entender melhor essa mensagem perene que a figura de São Nuno de Santa Maria nos oferece, a que fazíamos referência mais acima, convém destacar, de modo muito sumário, alguns aspectos essenciais da sua biografia que, sem dúvida, ajudarão a traçar melhor o perfil espiritual do Santo Condestável.

Nasceu no dia 24 de Junho de 1360, em Cernache do Bom Jardim, filho ilegítimo de D. Álvaro Gonçalves Pereira, que foi Prior do Priorato do Crato, dos célebres Cavaleiros de São João de Jerusalém e de Iria, por quem Nuno conservaria sempre um terno afecto. A sua infância e a sua adolescência decorreram neste ambiente entre cavalheiresco e profundamente religioso que havia nestes grupos nos reinos do baixo medievo da Europa. Imbuído do ideal de Galaad, um dos cavaleiros da mesa redonda que acompanhavam o mítico Rei Artur, quis permanecer celibatário, mas, para não contrariar o seu pai, veio a casar-se com D.^a Leonor de Alvim, com quem teria três filhos e com quem teve uma vida matrimonial feliz. O casamento teve lugar a 15 de Agosto, festa da Assunção de Maria, de 1376.

Dois dos seus filhos morreram crianças e apenas a terceira, D.^a Beatriz, chegaria à idade adulta, casando-se com D. Afonso, o filho do rei D. João I, a quem Nuno, seu aio, tinha servido sempre com valentia e fidelidade.

O jovem Nuno sobressaiu rapidamente na corte, para a qual foi destinado para o serviço pessoal do rei Fernando desde a adolescência, quando tinha apenas treze anos. A sua nobreza de ânimo, a sua valentia, a lealdade para com o rei e o ideal de pureza que parecia ter-se traçado desde criança, a imitação do casto herói Galaad, chamaram à atenção quer da família real quer dos outros cortesãos.

A morte do rei D. Fernando de Portugal originou um problema dinástico, algo muito frequente nos reinos da Península Ibérica, nos tempos da Reconquista. Alguns cavaleiros portugueses (alguns irmãos de Nuno, inclusivamente) defendiam o direito ao trono de Beatriz, filha do rei Fernando, casada com o rei de Castela, o que provavelmente teria suposto a incorporação da coroa portuguesa no reino de Castela, que se ia configurando – juntamente com o de Aragão – como o reino mais forte da Península Ibérica. Mas outros muitos cavaleiros lusitanos, entre eles Nuno, defendiam o direito ao trono de João, irmão do rei Fernando. Havia também interesses internacionais e não faltaram cavaleiros franceses e ingleses que ajudavam um ou outro lado. Não demorou muito a rebentar uma guerra entre os dois reinos, provocada pelo problema da sucessão dinástica. A guerra em si durou vários anos, com períodos de relativa calma. Em Abril de 1384, as tropas portuguesas (ao serviço de D. João) vencem a facção rival, na

batalha de Atoleiros (o que originou, pouco mais tarde, a subida ao trono de João I, que nomearia Nuno como seu Condestável). Um ano mais tarde, no dia 14 de Agosto de 1385 (em vésperas da festa da Assunção de Nossa Senhora), as tropas comandadas por Nuno Álvares Pereira derrotaram os seguidores do rei de Castela, na memorável batalha de Aljubarrota, e, pouco depois, em Valverde (já dentro do reino de Castela), o que fez com que Nuno ganhasse uma grande fama como herói nacional. Ainda que a guerra se tenha prolongado por algum tempo, e inclusivamente tivessem havido escaramuças anos mais tarde, a vitória já estava do lado português. A paz definitiva seria assinada em 1411. Pode ser significativo da fama que Nuno ganhou como herói nacional e como Condestável o facto de que Luís de Camões, o grande poeta português, incluisse uma elogiosa referência ao nosso homem, no canto IV do seu célebre poema épico *Os Lusíadas*, obra cimeira da literatura portuguesa do Renascimento. Também na vizinha Espanha vários autores dos séculos XVI e XVII (Calderón de la Barca ou Tirso de Molina, entre outros) louvaram a nobreza e a heroicidade do já mítico Condestável.

Mas, pouco mais tarde, a desgraça abateu-se sobre o Condestável. Em 1387, morre a sua esposa, D.^a Leonor de Alvim, que residia no Porto com a filha dos dois. Depois, o ainda jovem Nuno negou-se a contrair novo casamento. A vida de piedade e penitência (que sempre tinha tido) acentua-se sobremaneira e o Condestável, herói de tantas batalhas, famoso guerreiro ao serviço do rei, vai, a pouco e pouco, adquirindo a reputação de homem piedoso e santo.

Há que situar, nestes anos, a sua intervenção decisiva para a construção (entre outros templos e conventos) do convento e da igreja dos carmelitas, em Lisboa, cumprindo assim uma promessa votiva feita a Nossa Senhora. Consta que teve contacto com a Ordem através de um antigo companheiro de armas que se tinha feito carmelita no convento de Moura, D. João Gonçalves, e do Frei Afonso de Alfama, Vigário da Ordem em Portugal, com quem parece que tinha grande confiança e amizade. Foi escolhido, para localização do dito convento, um dos lugares mais altos de Lisboa. As obras duraram mais de oito anos. Os carmelitas, vindos do convento de Moura, instalaram-se no celeberrimo “Carmo” de Lisboa no dia 15 de Agosto (mais uma vez) de 1397, onde permaneceram até 1755, data em que o templo foi praticamente destruído pelo terramoto de Lisboa.

Em 1415, Nuno viria ainda a ter tempo de participar numa nova campanha portuguesa, desta vez para além do estreito de Gibraltar, em Ceuta, comandando e contribuindo com a sua experiência militar na expedição portuguesa que se dirigia para o referido lugar do Norte de África. Nuno, com 55 anos, sentia-se já cansado. Pouco depois aconteceu a morte da sua filha, o que provavelmente acelerou a sua decisão de se afastar do mundo e de ter uma vida totalmente entregue à penitência, à piedade e à oração.

Deste modo, em Agosto de 1423, o Condestável, figura admirada e de grande prestígio, decide, diante do espanto geral, ingressar no Convento do Carmo, que ele mesmo tinha fundado, e levar uma vida de total penitência e austeridade, como irmão donato. No dia 15 de Agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora e data à que parece que a vida de Nuno estava intimamente ligada, vestiu o hábito Carmelita, tomando o nome de Frei Nuno de Santa Maria. Apesar das pressões de toda a ordem, recusou privilégios ou mitigações da austeridade conventual. Por intervenção de D. Duarte (filho de João I, o rei a quem Nuno fielmente tinha servido durante anos), convenceu-se, ao menos, que não fosse para um convento longínquo, como era seu desejo, para evitar visitas e

homenagens que iam contra a sua vontade de total penitência e humildade. Também conseguiu o príncipe que Nuno renunciasse ao seu desejo de mendigar para o convento pelas ruas de Lisboa, como faziam os irmãos donatos.

Prova da sinceridade e da firmeza da sua vontade foi o facto de que sempre recusou ser chamado doutra maneira que não “Frei Nuno de Santa Maria”, recusando qualquer tipo de título de nobreza. Mais ainda, quando o príncipe D. Duarte quis que conservasse o título de *Condestável*, Nuno respondeu com humildade, mas com firmeza: *o Condestável morreu e está enterrado num santuário...*

Depois de oito anos de vida de penitência e de grande austeridade, Frei Nuno de Santa Maria morreu em Lisboa, no dia 1 de Abril de 1431. O seu funeral constituiu uma enorme manifestação de dor, quer por parte da nobreza e da família real (que tinham uma grande dívida de gratidão para com aquele nobre cavaleiro vencedor no campo da batalha), quer por parte dos carmelitas e de tantos devotos, que viram nele um modelo de penitência, de humildade e de desprezo das galas e honras deste mundo.

IV. Nuno, santo da Eucaristia

Um dos traços que sobressaem do perfil espiritual de São Nuno é a sua profunda piedade eucarística. Indubitavelmente, esta piedade aconteceu nos moldes e formas típicas daquela época. É bem conhecido o seu desejo de restaurar as igrejas devastadas pela guerra ou por qualquer outra causa, para que a Eucaristia pudesse ser celebrada com dignidade. Fundou ou restaurou também confrarias do Santíssimo Sacramento em muitos lugares, e fomentou as celebrações do Corpus, insistindo e ordenando que estas se fizessem com solenidade, decoro e piedade, e tudo isto, precisamente numa época da história da Igreja em que surgiram, em diversos lugares, críticas à ideia da presença real.

De igual modo, quer como Condestável do Exército, quer no convento, participava frequentemente na eucaristia, preparando-se espiritualmente com muita seriedade e com penitências e jejuns. Contam as crónicas da época, e assim o recolhe o sumário do processo, que uma vez em que lhe perguntaram sobre os motivos pessoais de dita piedade eucarística, o Condestável respondeu:

Quem quiser ver-me vencido nas batalhas que me afaste deste sagrado convite, no qual o próprio Deus, pão dos fortes, vigora os homens. Portanto, fortalecido com este manjar, revisto-me do ânimo e valor necessários para vencer o inimigo...

Para além do caso pontual em si e das circunstâncias do mesmo, não deixa de ser interessante para nós esta confiança plena na Eucaristia que, concebida como *pharmakon* (como lhe chamam alguns Padres Gregos), nos ajuda a vencer os inimigos da vida, que já não são soldados ou cavaleiros reais, mas inimigos mais perigosos, como o pecado, a violência, o egoísmo...

Esta centralidade da Eucaristia nas nossas vidas liga muito bem com o espírito carmelita, uma vez que, já a partir da própria regra, no Capítulo XIV, o carmelita é chamado a colocar a eucaristia como o centro (não só arquitectónico ou temporal, como pede o texto da *Formula Vitae*), mas no centro das nossas inclinações, das nossas inquietações, dos nossos apostolados e das nossas vidas...

Que o exemplo da piedade eucarística de São Nuno de Santa Maria nos ajude a revitalizar a nossa vivência da eucaristia, para que o sacramento central da nossa fé não se converta numa mera rotina ou numa mera actividade pastoral, mas que ilumine toda a nossa vida e projecte os valores do reino sobre o nosso mundo e a nossa sociedade actual.

V. Nuno, santo de Maria

Outra característica muito definida do perfil espiritual de São Nuno foi a sua devoção à Virgem Maria. Já na sua vida de soldado se encomendava sempre à Virgem santíssima, antes das batalhas, e pedia também aos soldados que o fizessem. Tinha plena confiança na protecção de Nossa Senhora. Jejuava frequentemente em honra de Nossa Senhora e fomentava sempre a devoção mariana no meio daqueles que o rodeavam. De igual modo, no fim das batalhas, costumava peregrinar a algum santuário mariano.

Por isso mandou reconstruir alguns deles que estavam abandonados ou em mau estado. Ele mesmo pagou a reconstrução de alguns templos, ou mandou construir novos, ou decorá-los dignamente. Neste sentido, muitas igrejas dedicadas a algum orago mariano devem à maior ou menor participação do santo Condestável a sua criação ou subsistência, como as de Sousel; o templo dedicado a Nossa Senhora dos Mártires, em Estremoz; Vila Viçosa; Portel; Évora; Mourão; Camarate; Monsaraz; etc. Um lugar especial merecem, na lista, tanto o templo dedicado a Santa Maria das Vitórias (conhecido como *Batalha*), construído pelo próprio Rei D. João I a instâncias do seu Condestável para comemorar a batalha de Aljubarrota (perto de Fátima, é uma das jóias do gótico português), como o sumptuoso templo do Carmo, em Lisboa. Alguns historiadores apontam também a intervenção do santo Condestável no incremento que em Portugal foi tendo a devoção à Imaculada Conceição, que, com o tempo, se haveria de converter na Padroeira do país, em 1640, a instâncias do Rei D. João IV.

Logicamente que a piedade mariana de Nuno cresceu com o contacto com os carmelitas e, sobretudo, ao ingressar no convento de Lisboa como irmão donato. O facto de ter escolhido, como nome religioso, o de “Nuno de Santa Maria” é, a todos os títulos, significativo. Consta que passava horas em oração diante duma imagem de Nossa Senhora, a quem se encomendava constantemente. O seu exemplo deve ter contribuído, sem dúvida, para que o templo se convertesse num centro importantíssimo de piedade mariana.

Uma vez mais o exemplo de São Nuno pode ser também um estímulo para a nossa própria vida espiritual. Certamente que a devoção mariana de Nuno era vivida sob as formas e expressões de piedade daquela época. Cada período da história deve procurar as suas próprias expressões e, no caso concreto do Carmelo, somos chamados a mostrar e a difundir a devoção à Virgem Santíssima de maneira que seja um reflexo da boa notícia da salvação em Cristo. Devemos conseguir que, como o Concílio Vaticano II nos pediu, a nossa piedade e a nossa devoção mariana não desamboquem *nem num affecto estéril e transitório, nem numa vã credulidade* (LG 67).

VI. Nuno, santo da humildade

Uma das características da figura do novo santo que mais chama à atenção é, sem

dúvida alguma, a humildade. Não apenas no fim da sua vida, quando, sendo já carmelita, viveu de maneira totalmente austera e penitente, mas, mesmo sendo Condestável e uma das figuras mais célebres e admiradas da Coroa portuguesa, Nuno foi sempre um homem humilde, um homem que fugiu das honras excessivas e das ambições de poder.

É bem conhecida a sua tendência para a humilhação pessoal nos últimos anos da sua vida como donato carmelita, a ponto do príncipe D. Duarte, temeroso de que a sua conduta provocasse a irrisão ou o menosprezo por parte da coroa ou das instituições mais importantes do reino, o proibir de mendigar pelas ruas de Lisboa e de ir para um convento longínquo e perdido para não ser reconhecido como Condestável. Diante dos dois pedidos do príncipe, frei Nuno teve que ceder. Mas houve outros pedidos que o velho carmelita recusou com firmeza. Por exemplo, recusou ser sacerdote ou evitar os trabalhos mais humildes e baixos do mosteiro, trabalhos que, segundo o parecer do príncipe e de muitos nobres, eram contrários à dignidade e ao renome do herói nacional. Convém não esquecer que Nuno era, além disso, parente da família real, pelo casamento da sua filha Beatriz (casada com D. Afonso, filho de João I), o que tornava ainda mais incómoda para os monarcas a sua atitude. Também se negou totalmente a continuar a usar o título de Condestável ou a ser chamado por outro nome que não fosse o de Frei Nuno de Santa Maria. Como víamos mais acima, a sua resposta foi radical e sem ambiguidades: *O Condestável morreu e está enterrado num santuário...*

Estamos, sem dúvida, diante de um aspecto muito significativo para a nossa vida cristã actual. Num mundo que idolatra o poder, a fama, o prestígio social (às vezes inclusivamente à custa da verdade ou da justiça); num mundo em que se fomenta a vaidade das riquezas ou dos títulos; num mundo em que, apesar de um terço da humanidade passar necessidade e em algumas zonas do planeta permanecer a praga terrível da fome, se faz ostentação de riquezas e de luxos totalmente desproporcionados; num mundo em que vivemos como escravos da imagem pessoal, do *look*, das aparências, do culto do corpo e do politicamente correcto... o exemplo de São Nuno recorda-nos o valor da humildade e da simplicidade e convida-nos a nós, carmelitas, de um modo particular, a manter esse espírito, essa maneira de ser e de estar no mundo, por muito importante que possa ser o nosso trabalho, a nossa missão ou a nossa posição eclesial.

Posteriormente, grandes carmelitas viveram e ressaltaram o valor da humildade. Pensemos no célebre adágio de Santa Teresa de Jesus, nas sextas moradas (*humildade é andar na verdade*); ou no convite à simplicidade do pequeno que faz Santa Teresa de Lisieux; ou no exemplo sublime de humildade que sempre deu o Beato Tito Brandsma, mesmo ocupando os mais altos cargos na universidade e na vida civil do seu país. Muitos outros exemplos se poderiam citar dessa vivência profunda da humildade que sempre aconteceu no Carmelo. Trata-se, sem dúvida, de uma humildade cheia de coragem e de valentia, de uma humildade que não é apenas uma virtude psicológica, mas uma consequência da fé no Deus encarnado, no Deus que não duvidou em assumir a nossa humilde e frágil condição, *fazendo-se um como nós* para salvar, a partir de baixo, o género humano (cf. Flp. 2, 6-11).

Que o exemplo de São Nuno de Santa Maria nos ajude também a nós a viver a simplicidade evangélica, a não nos deixarmos seduzir pelas vaidades deste mundo (às vezes muito subtis) e a estar sempre próximos e solidários com os últimos, os marginalizados, com os pequenos e excluídos.

VII. Nuno: um convite à conversão radical

No templo da Batalha, dedicado a Santa Maria das Vitórias, a que aludíamos mais acima, pode contemplar-se, hoje, a imponente estátua equestre do Condestável Nuno Álvares Pereira, apresentado como guerreiro e herói nacional, segurando numa mão a espada e na outra as rédeas do cavalo. Dentro da igreja, perto do altar, existe outra estátua, muito mais pequena, de escasso valor artístico, mas muito representativa. Trata-se de Nuno de Santa Maria, já velhinho, com o hábito carmelita, com a Regra do Carmo na mão, em atitude de meditação e de oração. Alguns visitantes da Batalha nem sequer se dão conta de que se trata do mesmo personagem, dada a grande transformação e o contraste entre uma e outra imagem de Nuno.

Muitos teólogos e peritos em espiritualidade falaram de uma espécie de “segunda conversão” ou conversão radical que, às vezes, acontecem na vida dos santos e daqueles que procuram a Deus. Falamos, evidentemente, em sentido análogo, uma vez que, em sentido restrito, eles já estavam convertidos à fé e, geralmente, procuravam vivê-la com autenticidade e sinceridade. Mas, num dado momento, do místico, do espiritual, um chamamento à radicalidade, um desejo de viver a fé de maneira total, com todas as consequências. É nessa altura que se convertem em sinal, numa chamada de atenção, num aviso para toda a Igreja, que assim toma consciência da tendência (a tentação) da mediocridade, da rotina, duma vivência da fé apagada e aburguesada.

Muitos nomes se poderiam citar nesta linha: Teresa de Jesus diante do Cristo chagado, Teresinha do Menino Jesus e a experiência terrível da doença, Tito Brandsma no campo de concentração, Thomas Merton numa rua ruidosa de Louisville, Monsenhor Romero diante do corpo inanimado de Rutilio Grande, Teresa de Calcutá sacudida pela pobreza horrível dos moribundos... e tantos outros.

Também Nuno sente, num determinado momento da sua vida, esse convite a deixar tudo, a abandonar honras, títulos, nobrezas e prestígio para se entregar de forma radical a uma vida de penitência e de oração. A sua figura deve ser também, para as nossas consciências, um abanão, um chamamento à radicalidade, um convite a rever os nossos critérios, a purificar as nossas intenções, a viver o Evangelho sem mentiras nem meias tintas. Eis a grande mensagem e actualidade dos santos.

Sem cair num pacifismo que seria totalmente anacrónico, podemos afirmar com certeza que Nuno abandona as armas e as cavalgadas para se dedicar por inteiro à batalha do amor e da santidade. Como aqueles primeiros carmelitas que, (imersos de alguma maneira no fenómeno da Cruzada), se retiram para o Carmelo como eremitas e penitentes e incluem na sua *Formula Viatae* a belíssima descrição das armas espirituais que São Paulo faz (entre outros lugares) na Carta aos Efésios, também Nuno abandona as armas materiais e se reveste da armadura de Deus e da couraça da justiça, também ele abraça o escudo da fé e cobre a cabeça com o elmo da salvação. Também Nuno agarra a espada do Espírito e da Palavra e anuncia, com a melhor linguagem possível, com a mais autêntica e a mais credível (a da própria vida), a plena confiança em Deus e o chamamento à conversão.

Se não queremos que esta canonização fique apenas pelo histórico, pelo superficial, pelo acessório; se queremos que a figura de São Nuno de Santa Maria seja para nós

um modelo de vida e que a sua canonização seja um momento de reactivação e revitalização do Carmelo; se confiamos plenamente na sua intercessão, assegurada pela solene e oficial declaração da Igreja... então procuremos aprofundar a sua mensagem e o seu ensinamento e assumi-los com gratidão e com um compromisso renovado de viver a nossa vocação ao Carmelo. Que também nós nos sintamos chamados a revestir-nos da couraça da justiça (*Induenta est lorica iustitiae...*) de que nos fala a nossa Regra, citando a Carta aos Efésios (ef. 6, 14), essa couraça que nos leva a amar o Senhor com todo o nosso coração, a nossa mente e as nossas forças, e ao próximo como a nós mesmos (Regra, XIX).

Quero, por último, manifestar o meu agradecimento e o de toda a Ordem aos que tornaram possível esta canonização: Ao padre Felip Amenós Bonet, O. Carm., que, sendo postulador, trabalhou na causa esforçadamente; ao padre Giovanni Grosso, O. Carm., actual Postulador Geral, que preparou, em conjunto com uma comissão, os actos que acompanharão a canonização, assim como ao padre Francisco José Rodrigues, O. Carm., Vice-Postulador da causa, e a todos os que, de Portugal, colaboraram e de algum modo ajudaram a dar a conhecer a figura de São Nuno.

Devemos felicitar cordialmente o povo português, para quem Nuno é não só um exemplo vivo de santidade, mas também um herói nacional. É para mim, como espanhol, um motivo especial de orgulho, ao se tratar de uma figura importante nessa nação irmã e tão querida que é Portugal.

Resta-me apenas felicitar toda a Família Carmelita, estendida pelos cinco continentes. Que vivamos com são orgulho de família esta canonização. Que a semente semeada pelo nosso novo Santo encontre em nós terra fértil e disposta a dar frutos de santidade.

Que Maria, Mãe do Carmelo e modelo sublime de santidade, continue a iluminar-nos, para que, na nossa família, surjam sempre figuras como a de São Nuno de Santa Maria que nos conduzam ao monte da perfeição, que é Cristo.